

O óvni que criou um viveiro

Lygia Torelli¹

- CHEPIGA, Valentina; SOFIA, Estanislao (Org.). *Archives et manuscrits de linguistes*. Louvain-La-Neuve: Academia-L'Harmattan, 2014.

EUROPEUS DE NASCIMENTO, INDOEUROPEANISTAS DE FORMAÇÃO. O que possuem em comum, ademais, A. Alonso (1896-1952), G. Ascoli (1829-1907), C. Bally (1865-1947), E. Benveniste (1902-1976), M. Bréal (1832-1915), L. Hjelmslev (1899-1965), F. de Saussure (1857-1913) e J. Vendryes (1875-1960)? Textos fundadores? Sim. Coleções de manuscritos à espera de pesquisas? Sim. Procedimentos de elaboração teórica? Não sabemos.

A equipe “Genética e teorias linguísticas” (ITEM-Paris) apresentou seu campo e suas pesquisas em número integral da revista *Genesis*² em 2012. Desta vez, a coletânea *Archives et manuscrits de linguistes* oferece ao leitor convidativo panorama dos trabalhos, em seus diferentes estados documentais e críticos. Encontramos tarefas em fase inicial, como a primeira organização dos papéis de Vendryes, ao lado de empreitadas analíticas robustas, no caso de Benveniste.

Os dez artigos publicados se repartem por autor-linguista e, como reconhecem os organizadores, prescindem da sequência em que foram editados. Entretanto, o estudo de Fenoglio tem função inaugural por, no mínimo, três razões: além de abrir o volume, vivifica, desde 2005, a exemplar coleção de Benveniste, cuja consciência epistemológica legou à BnF séries completas de escritos preparatórios. Em terceiro lugar, o próprio linguista desenvolveu aparato teórico – a enunciação – convertido em parâmetro metodológico pela pesquisadora, que combina a análise propriamente gráfica dos documentos à busca pela textualização enunciativa dos manuscritos. Mais precisamente, Fenoglio seleciona o conceito de *semiótica* como objeto a ser investigado; em seguida, agrupa certos escritos, alçados à condição de *rascunhos* atinentes ao objetivo proposto. É assim que três gêneros de textos concebidos para diferentes interações – aula, conferência e simpósio – são reunidos com igual nível de importância para revelar hábitos de trabalho e um percurso de teste de hipóteses, que começa em aulas, estende-se para congressos e se consolida em publicações. No dizer da pesquisadora, Benveniste *rumine* (p.35).

Às vésperas do centenário da primeira edição do *Curso de Linguística Geral*, Saussure está diretamente implicado em quatro dos artigos. Seus processos de reescrita e de releitura são comparados por Fenoglio aos de Benveniste. A rede de relações no círculo linguístico que frequentava é exposta por Chidichimo, por meio da correspondência de Bréal com Genebra. D’Ottavi, por sua vez, retoma e amplia uma classificação de manuscritos custodiados por Harvard, além de organizar inéditos dossiês temáticos, diferentemente de Depecker, que investiga o processo de argumentação em textos altamente fragmentários.

Dois são os artigos que tratam das coleções de Bally; Marchese nos mostra a repercussão mútua entre ensino e teorização em manuscritos sobre línguas antigas, ao passo que Forel revisita seu próprio trabalho de catalogação, iniciado há três décadas, e acaba por refletir sobre escolhas e problemas que acometem o pesquisador. Em outros trabalhos, a heterogeneidade do material é transformada em critério de classificação por Testenoire, para a coleção de Vendryes, e pela própria Marchese, desta vez sobre Ascoli. Já Badir nos apresenta novo dossiê de Hjelmslev e sinaliza para o esclarecimento que manuscritos trazem à compreensão da incompletude de sua teoria. Por fim, Toscano y Garcia, Battista e Lidgett expõem reflexões de ordem geral sobre a linguagem, jamais publicadas por Alonso, cuja reputação se estabeleceu no domínio da filologia hispânica.

¹ Mestranda do programa de pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. E-mail: lygia.torelli@usp.br

² *Revue Internationale de Critique Génétique*, 35, *Le geste linguistique* (298 p.). Textos reunidos e apresentados por Irène Fenoglio.

Não é difícil que o leitor se entusiasme com a profusão de informações estabelecidas com impecável seriedade; é igualmente fácil que se perca nas especificidades de cada caso e na transposição de categorias originalmente concebidas para os dossiês de Benveniste. Nesse sentido, o livro carece de uma síntese mais elucidativa por parte dos organizadores. Chépiga e Sofia, certamente com a responsabilidade de não fazer generalizações precipitadas e a necessidade de respeitar o breve espaço de prefácio, acabam por esquematizar dois tipos ideais de estudos que os artigos exemplificariam: um *modo qua*, quando o manuscrito é tratado como via de acesso a um conteúdo; e como *modo quo*, caso seja o próprio documento a finalidade da análise (p.8).

Se a crônica de Grésillon nos lembra que a crítica genética é “[...] um filho do acaso e do empirismo”³, esse campo de estudos se reconfigurou em novo objeto, no entender de Fenoglio: “A genética textual é um óvni, um modo de tratamento não identificado, tanto para historiadores da linguística quanto para os linguistas” (p.18). Um óvni revolucionário, salienta a pesquisadora, pelo fato de a disciplina não adotar o manuscrito de maneira utilitária, nem se ater ao estabelecimento de versão definitiva do texto, tarefa esta de que se ocupa a filologia. Uma vez mais se delimitam reciprocamente linguistas e filólogos? Sim. Bréal já se opusera à separação dos dois *métiers* (p.149); Grésillon chegou a se perguntar se o linguista geneticista seria o filólogo dos tempos modernos⁴; Fenoglio dá outro destino ao debate quando oferece uma metodologia aos pesquisadores para que possam responder a questões próprias sem o concurso da completude filológica do texto.

Perguntas respondidas? Trabalho à vista. Como o fio condutor de uma pesquisa em crítica genética reside na pergunta que faz o pesquisador aos manuscritos, inúmeras são as possibilidades de recortes que a coletânea insinua, por meio de catalogações e preciosas recensões historiográficas, como pelo exemplar estudo sobre Benveniste. Tornam-se viáveis estudos comparativos de notas de aulas entre linguistas, tanto quanto podem ser contrastados os escritos de Ascoli e de Vendryes sobre o idioma celta, se não preferirmos as reflexões de ordem geral com base nas inúmeras línguas de domínio de Saussure, Alonso e Hjelmslev. É assim que o óvni criou um viveiro de inquestionável fertilidade.

Referências

GRESILLON, A., Alguns pontos sobre a história da crítica genética, in: *Estudos Avançados*, vol. 5, n. 11, janeiro-abril 1991, p. 7-18.

Revue Internationale de Critique Génétique, 35, *Le geste linguistique* (298 p.). Textos reunidos e apresentados por Irène Fenoglio, 2012.

Recebido em: 01 mar. 2015

Aprovado em: 29 out. 2015

³ GRESILLON, A. Alguns pontos sobre a história da crítica genética, in: *Estudos avançados*, vol. 5, n. 11, janeiro-abril 1991, p. 7-18, p. 17.

⁴ *Ibidem*, p. 16.